

Hermilo Borba Filho e a transcendência de uma vírgula

Por Leidson Ferraz*

O derradeiro texto que o pernambucano Hermilo Borba Filho (1917-1976) deixou na máquina de escrever, antes de ser internado por problemas no coração, parou numa vírgula, na certeza de que o seu amanhã prosseguiria. Se não retornou àquelas teclas, pode-se dizer que ele se disseminou em tantos que trabalharam com ele, que o admiraram como artista, intelectual e ser humano, e que o têm como guia. E aquela vírgula que era sinônimo do continuar, avança, porque Hermilo, como grande agregador, soube conviver com as diferenças e estimular muitos a não parar. Desde o teatro que abraçou amadoristicamente ainda na Sociedade de Cultura de Palmares, sua terra natal, na zona da Mata Sul de Pernambuco, até a despedida dos palcos com o seu grupo Teatro Popular do Nordeste, em 1975, Hermilo Borba Filho foi inspirador a muita gente e, numa transcendência incrível, brota até hoje, mesmo que alguns nem saibam de sua influência.

Apesar de ter-se considerado mais romancista do que dramaturgo, ele, advogado de formação que não passou mais que 15 minutos num escritório, foi um homem do teatro na sua maior dimensão: começou como ator, mas também trabalhou como ponto, tradutor, adaptador, diretor, encenador, escritor, produtor, crítico, professor, um pensador inquieto, provocador sempre. Assim, estimulou alunos, leitores, dramaturgos, artistas, técnicos das mais diferentes vertentes e ainda criou a estética do “Teatro do Nordeste”, baseada nos dramas e graças do seu povo. Ambíguo como todos nós, transitou por diferentes posicionamentos políticos, mas quando percebeu o autoritarismo e a repressão que o Brasil enfrentava com o Golpe Civil-Militar de 1964, passou a criar espetáculos de ostensivo posicionamento crítico àquela situação. Grupo Gente Nossa, Grêmio Cênico Espinheirense, Teatro de Amadores de Pernambuco, Teatro Operário do Recife, Teatro do Estudante de Pernambuco, Teatro Popular do Nordeste, Teatro de Arena e Teatroneco, eis algumas das equipes recifenses onde conviveu e, como líder nato, impossível não percebê-lo em destaque.

Nas suas reflexões, se desde o final dos anos 1930 o jovem Hermilo já publicava artigos e críticas nos jornais pernambucanos, em setembro de 1947, aos 30 anos recém-completos, iniciou sua coluna teatral *Fora de Cena* no jornal *Folha da Manhã (Vespertina)*, no qual permaneceu por mais de quatro anos, atento à renovação do teatro no país e sua possível modernização. Ao ser convidado a assumir o grupo Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), formado por acadêmicos da Faculdade de Direito do Recife, com atuação de 1946 a 1952, favoreceu não só a montagem de peças estrangeiras de Sender, Tchekhov, Lorca, Ibsen, Sófocles, Shakespeare, mas também autores residentes em Pernambuco, além da edição de livros, concurso de dramaturgia – premiando e lançando Ariano Suassuna na área –, promoção de mesas-redondas com palestras e exposições de manifestações da cultura local e o sonho de dar teatro de graça ao povo, indo até onde ele estivesse, confraternizando-se e até recolhendo opiniões nos primeiros debates que aconteceram em Pernambuco após espetáculos.

No entanto, a centralização que fazia toda a carga recair sobre ele e a difícil situação econômica o empurraram a desistir. Mas Hermilo Borba Filho era incansável. Em 1950, pela editora da Casa do Estudante do Brasil, graças ao amigo Paschoal Carlos Magno – responsável por batizar de “Teatro do Nordeste” todo aquele movimento que se propagava do Recife, sendo incorporado e reelaborado por outros lugares da região –, ele publicou o livro *História do Teatro*, posteriormente rebatizado de *História do Espetáculo*, sua primeira contribuição expressiva no campo da teoria teatral, seguido de

outras importantes pesquisas editadas, como *Espetáculos Populares do Nordeste* (1966) e *Apresentação do Bumba-Meu-Boi* (1967). Mesmo assim não parou de escrever peças, 23 ao total, que teatralizaram temáticas regionais sem deixar de se projetarem nacional e internacionalmente. O drama *João Sem Terra* é um exemplo. Contos, novelas e romances, com destaque à tetralogia *Um Cavaleiro da Segunda Decadência* (1966 a 1972), também foram escritos seus produzidos naquela máquina datilográfica.

Isso sem contar o período que morou em São Paulo e, além de exercer o papel de crítico teatral e literário na imprensa, integrou a Comissão Estadual de Teatro e dirigiu companhias famosas como as de Cacilda Becker e de Nydia Lícia-Sérgio Cardoso. Nesta última, assinando a primeira versão para o palco de *O Casamento Suspeitoso*, do amigo Ariano Suassuna, recebeu o prêmio de revelação de diretor pela Associação Paulista de Críticos Teatrais. Voltando a morar no Recife, em 1958 ajudou a fundar o Curso de Teatro da Escola de Belas Artes, onde assumiu a disciplina *História do Teatro*. Mas é em 1960 que ele dá início à sua maior contribuição ao teatro do Nordeste, descrito por ele como uma revolução, ligado a manifestações tradicionais, autenticamente brasileiras, que não se descuidam da invenção e reinvenção popular, no sentido daquilo que resiste.

Com o lançamento do grupo/casa de espetáculos Teatro Popular do Nordeste (TPN), Hermilo, após anos de estudo sobre os espetáculos dramáticos populares nordestinos e na busca por uma cena não ilusionista, menos baseada em Bertolt Brecht e mais nos mestres de bumba, nos capitães de fandango e nos velhos de pastoris, consegue concretizar a técnica dos espetáculos populares do Nordeste finalmente aproveitada pelo palco teatral, com o seu “espírito” disseminado por aspectos diversos, da dramaturgia à interpretação, dos elementos visuais à musicalidade, numa assinatura poética que, mesmo apoiada em obras universais também, garante visibilidade aos temas, tipos e causos atribuídos à região. Foi assim que com o seu pioneiro ideário, presente até hoje no nosso meio cênico, Hermilo Borba Filho deu ao Recife não só o título de “capital do Reino do Nordeste” – ainda que outros desdobramentos, variações e amplificações tenham sido engendrados a partir de então –, mas fez abrir e consolidar um lugar para o Nordeste popular na cena teatral nacional. E aquela vírgula se fez mesmo sinônimo do perene.

*Jornalista pernambucano, ator, crítico, pesquisador teatral, Mestre em História e atualmente Doutorando em Artes Cênicas na UNIRIO. Contato: leidson.ferraz@gmail.com